

OS PIGMEUS AFRICANOS TIPO FÍSICO E CARACTERÍSTICAS CULTURAIS

Martin Gusinde

Professor da Catholic University of America, Washington

Entre as numerosas e tão diversas raças e variedades humanas da terra há uma que, destacando-se por uns tantos caracteres descomuns ou até únicos, tem a sua existência assinalada há milênios, ao passo que o seu tipo físico e as peculiaridades culturais somente em nossos dias se estão tornando mais bem conhecidas. Para compreender este fato surpreendente basta considerar um pouco a história da exploração do território em que vivem esses pequenos homens no imenso espaço africano. Pelos séculos afora, o continente era cognominado "o escuro", devido à escassez de informes, aliás ainda hoje fragmentários e insuficientes, acerca de extensas regiões e de seus aborígenes. Quem quer que procure, em especial, ter uma idéia dos pigmeus, deve de início indagar as condições especiais de seu *habitat*, isto é, da floresta tropical, bem como o grau em que tal ambiente possa ter influído na origem do singular tipo físico dos pigmeus. Ao contrário do que se dá com as nações civilizadas, o homem primitivo tem a sua existência mais estreitamente vinculada ao mundo físico em que se encontra; ao menos, no tocante à forma de vida econômica. E esta não somente revela acentuada harmonia com a ordem social, mas também influencia e plasma em grau notável as feições fundamentais da vida mental.

É nos pontos de vista assim esboçados que se apóia a exposição do presente artigo, limitada, evidentemente, a elementos essenciais. Ao leitor que deseje obter conhecimentos mais completos recomendam-se as volumosas monografias publicadas nos últimos dois decênios.

1. *A floresta virgem tropical*

Há um indubitável fundo de verdade na freqüente afirmação de que o homem é em grande parte produto de seu ambiente. Se bem que tal interpretação exprima, antes de mais nada, a adaptação física do homem às condições naturais em que vive, não há dúvida de que destas depende afinal toda a sua maneira de ser. É um fato que se manifesta com especial nitidez na existência dos pigmeus africanos. Nenhuma descrição infelizmente, por exata que seja, será capaz de dar conta das numerosas particularidades que se conjugam na incomparável e impressionante configuração da mata virgem.

É uma floresta pluvial sempre verdejante, de cunho típico, ou seja uma densa massa de vegetação, de irregular conformação e estonteante exuberância, como a encontramos somente na zona tropical. Caracterizam-na árvores altas e retas, atingindo a 60 m, e cujo tronco mede, pouco acima do solo, de 90 a 120 cm de diâmetro. A superfície dos troncos é revestida de grossa camada de musgo de pequenos líquens, de cipós e outros epífitos. Apenas na secção superior, que não ultrapassa a um décimo do comprimento total do tronco, conservam-se os galhos, condensando-se a ramagem em forma de espessa coroa. Em tôdas as direcções alonga-se a galharia, emaranhando-se com muitos outros ramos, dando guarida a cipós e múltiplos parasitas, e constituindo em seu conjunto um teto praticamente fechado a estender-se a grande altura acima do chão da floresta. Destarte, o interior da mata se apresenta como que tapado em cima, e são poucos os raios vigorosos do forte sol tropical que, às horas do meio-dia, conseguem atingir o solo coberto de folhas em decomposição. No correr do dia reina, por conseguinte, no âmago da floresta um lusco-fusco crepuscular; e durante o ano todo não há um dia em que haja sequer uma claridade moderada. Poucos minutos após as seis horas da tarde põe-se o sol, e quase que no mesmo instante, sem haver na realidade a transição do crepúsculo, baixa uma profunda escuridão, a noite pavorosamente impenetrável da mata virgem envolvida em mistério e silêncio sepulcral.

Não se conhecem aí estações anuais nitidamente marcadas. Para o observador superficial, a floresta não muda pelo ano afora: é sempre a mata verdejante com temperatura quase idêntica em todos os dias. Diariamente o termômetro sobe a 30° ou 33° centígrados, ficando, é bem verdade, uns três ou cinco graus mais baixo por ocasião de chuvas contínuas. Raras as noites em que desce a 19°, mantendo-se, em média, entre 22° e 24°.

Essa floresta virgem sempre viçosa não desenvolveria a sua extraordinária exuberância, se não houvesse, a acompanhar o calor constante, chuvas quotidianas e abundantes. Não há dia em que não chova, em alguns dêles apenas umas duas ou três vezes por uns trinta minutos, mas em geral por três a cinco horas a fio. Com grande ruído descem notáveis quantidades de água, de maneira que, em poucos minutos, certos trechos de chão se transformam em verdadeiro pântano. Como a densa folhagem no alto impede a evaporação, o interior da mata fica pingando de umidade durante o ano todo¹.

Nessa escuridão de tal modo úmida não medram ervas nem capim. Para os pigmeus resulta daí a vantagem de terem a vista desembaraçada, por entre os troncos, a alguma distância. Em extensas áreas da mata não existem praticamente plantas de baixo crescimento, nem arbustos de rica folhagem, razão pela qual o meio propicia condições de existência a apenas algumas espécies animais de ordens sistemáticas superiores. Compreende-

se que a floresta tropical seja, tôda ela, muito pobre em animais. Certo, uma antílope de pequeno porte, um pouco maior do que a lebre, é encontrada por tôda parte; os caçadores pigmeus perseguem-na quotidianamente. Bem mais raras são as grandes antílopes, o elefante e o arisco ocápi. Passam-se às vêzes várias semanas, sem que nas copas das árvores surja pequeno bando fugidio de macacos ou de papagaios ou aves menores. Por outro lado, é incrível a quantidade de animais de ordens inferiores: lagartos e caracóis, bezouros e vermes, larvas e lagartas da espessura de um dedo. Densas nuvens de moscas e mosquitos, de borboletas de todos os tamanhos e de tôdas as côres, bem como compactas massas de formigas e térmitas manifestam-se a certas horas do dia. Cogumelos crescem por tôda parte. Incontáveis abelhas e vespas enchem de mel os seus ninhos. Em conjunto, porém, a floresta escura, quente e úmida, fornece a seus moradores, quer animais ou homens, escassas quantidades de substâncias comestíveis. Sôbre o chão, uma grossa camada de folhas em decomposição exala oprimente cheiro de môfo. Em tal ambiente, manifestamente hostil ao homem, é que vivem os pigmeus. Apesar de tôdas as contrariedades e de todo desconforto, conseguem, graças a suas soberanas energias espirituais, sobreviver vitoriosos na luta pela existência.

2. *Dados históricos sôbre o conhecimento e o estudo dos pigmeus*

São poucos os povos primitivos de que possuímos informes fidedignos tão antigos como os que se referem aos homens menores do "Continente Negro". Com efeito, já o Egito antigo tinha notícias seguras de todo um povo de pequeníssima estatura, que habitava para os lados das nascentes do Nilo, então inteiramente inexploradas. E cumpre notar que aquêles antigos egípcios distinguiam muito bem entre os genuínos anões raciais e indivíduos malconformados, que tivessem baixa estatura em consequência de razões patológicas. Dêstes últimos serviam-se para um divertimento manifestamente cruel, prendendo os pobres aleijados de nascença em gaiolas bem pequenas, a fim de que, durante o crescimento, tomassem figura ainda mais monstruosa. Bem ao contrário dêstes coitados, os verdadeiros pigmeus vindos do sul gozavam de excelente prestígio da parte dos faraós. Êstes e tôda a população egípcia apreciavam muitíssimo aquêles pequenos homens, que lhes serviam de "dançadores divinos"; a tarefa dêstes consistia em dançarem num templo, com frequência e com entusiasmo, para chamarem, por via mágica, as chuvas tão necessárias à existência de todo o reino. No meu recente convívio de vários meses com êsses pequenos habitantes da mata, pude certificar-me de que neles o prazer da dança se transforma quase em mania.

Conservou-se uma carta do faraó Fiops II, da 6.^a dinastia, escrita pelo ano de 2.360 a. C. e endereçada ao chefe militar egípcio Herchuf,

que se encontrava com pequena tropa numa área próxima às nascentes do Nilo. Contém a missiva a ordem expressa de adquirir naquela região um genuíno pigmeu e de tomar tôdas as precauções imagináveis para que o pequeno homem chegasse são e salvo à residência do faraó. O conhecimento seguro que os egípcios tinham da existência de todo um povo de estatura anã cêdo passou para a Grécia, provavelmente por intermédio do muito viajado Heródoto. É notório que Homero descreve, no terceiro livro da *Iliada*, a luta dos pigmeus com os grous, que todos os anos migram para o sul.

Nos longos séculos subsequentes, porém, até os nossos tempos modernos, arraigou-se cada vez mais a convicção de que não passava de fábula o que se contava de uma população pigméia na África tropical. Sòmente depois de, em 1869, haverem sido apresentados, na còrte do poderoso Munsu, rei dos negros Mangbetu do Sudão meridional, cêrca de 300 pigmeus genuínos ao botânico alemão Georg Schweinfurth, e de êste explorador fidedigno transmitir à Europa a notícia do episódio; e depois de, quatro anos mais tarde, se fazer em Viena a leitura da minuciosa descrição de uma jovem pigméia, levada, no Bahr el Gebel, à presença do viajante austríaco Ernst Marnold, é que se dissiparam as dúvidas sôbre a existência de tôda uma população humana de estatura física muito abaixo da normal. A partir dessa época, graças à progressiva exploração da África central, outros pesquisadores, em sua maioria de origem alemã, relataram na Europa os seus encontros com aborígenes de tipo pigmeu; destarte foi se precisando cada vez mais o conhecimento da cultura e do tipo físico dessa gente.

Em princípios dêste século, finalmente, os representantes das ciências antropológicas haviam chegado à convicção de que o estudo metódico dos pigmeus era de máxima importância para a compreensão de tôda a história cultural da humanidade; felizmente se compreendeu bem, desde o início, que êsses curiosos moradores da floresta conservaram até os nossos dias uma cultura de tipo muito arcaico². Entretanto, tal estudo requer longo e familiar convívio do viajante com êsses nômades sobremodo primitivos; e, além disto, cumpre vencer dificuldades de vária sorte, devidas ora às características da floresta, ora ao regime de vida de seus moradores. Foi essencialmente graças aos incentivos e aos esforços do fundador do Instituto Anthropos, Padre Wilhelm Schmidt, falecido com avançada idade em fevereiro de 1954, que, após o término da primeira guerra mundial, quase tôdas as tribos de pigmeus e pigmóides da África e da Ásia puderam ser visitadas e estudadas sistematicamente por especialistas do campo da antropologia³. Hoje podemos dizer que o conjunto das populações primitivas de pequena estatura está mais bem investigado e descrito do que uma série de grupos portadores de cultura mais desenvolvida, cuja pesquisa teria sido bem menos dificultosa do que os trabalhos realizados no seio da mata virgem⁴.

3. *As características raciais dos pigmeus*

A fim de evitar confusão, convém dar algumas explicações preliminares. A antropologia física e a etnologia, tendo, uma e outra, o homem como objeto central de investigação, são ambas disciplinas de constituição recente, que só há bem pouco tempo lograram entender-se quanto a seu objeto de estudo específico e aos métodos a serem empregados. A antropologia física, como "história natural dos homínidas", dedica-se agora exclusivamente aos problemas concernentes ao tipo físico das raças humanas, incluindo-se no setor das ciências naturais biológicas. Por seu turno, a etnologia (também denominada antropologia cultural) procura compreender, quanto à natureza e à origem, todo o patrimônio cultural dos povos tribais, definindo-se, dessa maneira, como ciência do espírito. Dessas disciplinas, cada qual segue o seu método próprio: aquela, de tipo biológico, esta, de tipo histórico. Data de alguns milênios, de uma época em que não havia antropologia, nem etnologia, o conhecimento da existência de verdadeiros pigmeus no centro da África. E essa denominação tem servido, até a atualidade, para designar um tipo racial determinado e exclusivo, a saber, a forma somática dos pequenos homens da floresta tropical africana. Pela estatura muito baixa, pela formação inconfundível do crânio e da face, a cor amarelo-clara da pele e, finalmente, pelo seu regime de vida, de caçadores nômades muito primitivos, êsses aborígenes se distinguem nitidamente das tribos negras estabelecidas em vizinhança mais ou menos próxima⁵. Era neste sentido que, desde os antigos egípcios, os gregos e romanos, os geógrafos árabes, até os antropólogos modernos, se emprega o termo "pigmeus". Há vários séculos conhecem-se também em outras áreas da zona tropical populações primitivas de estatura muito baixa, mas que numa série de características somáticas se distinguem dos pigmeus da África central. Para se chegar a perfeita clareza nas designações antropológicas, E. Schmidt classificou em 1905 as estaturas médias de todas as raças humanas, propondo um esquema hoje aceito por todo especialista⁶. Segundo êsse esquema, a terminologia antropológica passou a reservar o nome "pigmeus" para aquelas populações cujos homens apresentem estatura média inferior a 150 cm. Por conseguinte, o conceito de "pigmeu" se reduz hoje em dia a uma categoria de tamanho, significando apenas: "raça humana mínima, com estatura média dos homens abaixo de 150 cm". Já não caracteriza um tipo racial distinto, constituído de uma série de caracteres especiais. Caso se encontrem, fora da África, grupos humanos cujos homens tenham estatura tão pequena, cabê-lhes a designação de verdadeiros pigmeus. Todos os grupos de estatura média um pouco maior se denominam "pigmóides".

No presente artigo ocupamo-nos tão somente dos homens de estatura muito pequena existentes na floresta africana, que, entretanto, se estende, em forma de largo cinturão, desde a Fossa Magna, a leste, até a

Costa do Marfim, a oeste. Habitam essa área, desde tempos imemoriais, como seus primeiros ocupantes. Como já dissemos, distinguem-se, pelos caracteres raciais nítidos e pelo regime de vida, dos negros vizinhos, de crescimento mais alto e de cultura baseada na lavoura ou no pastoreio. Essas diferenças raciais e culturais persistem até os nossos dias, embora há algum tempo numerosas tribos de negros tenham invadido a zona da mata, estabelecendo-se bem perto dos aborígenes de baixo crescimento. Ignoram-se os motivos pelos quais essas tribos negras deixaram a estepe aberta, procurando o *habitat* úmido e escuro da mata tropical. Em todo caso, os dois grandes grupos raciais coexistem hoje em seu interior, situação essa que não deixou de levar a influências culturais mútuas⁸.

Em época bem recente, vários setores desse imenso espaço foram percorridos e explorados por viajantes europeus. Em toda parte encontraram-se ainda os descendentes das primeiras populações, que aí vivem desde tempos imemoriais. Mas verificou-se também que os grupos ocidentais apresentam umas tantas diferenças somáticas em comparação com os que se encontram a leste; os primeiros são, por exemplo, de estatura um pouco maior, pele mais escura e constituição geral mais robusta. Por observadores superficiais, como, por exemplo, Paul Schebesta, esses fenômenos têm sido interpretados, sem mais nem menos, como produto de mestiçagem com negros, afirmação que, juntamente com outros antropólogos, demonstrei ser inteiramente errada⁹. Surge então o problema: Podem aqueles grupos ocidentais ser considerados verdadeiros pigmeus? Como vimos, o termo "pigmeus" nada mais representa, na antropologia atual, do que uma categoria de grandeza ou tamanho, com referência a um único caráter racial. Por conseguinte, a maioria dos grupos ocidentais dos primitivos habitantes das selvas deve ser caracterizada como "pigmóides", de vez que a estatura média dos homens ultrapassa de poucos milímetros o limite de 150 cm. Já que adotamos o esquema classificatório acima referido, incluímos a maioria dos grupos ocidentais na categoria dos "pigmóides", simplesmente em atenção à média de sua estatura somática, embora em todos os demais caracteres físicos, como em todo o equipamento cultural, se identifiquem plenamente com os verdadeiros pigmeus, que em alguns lugares são os seus vizinhos imediatos. A fim de evitar os inconvenientes do emprego das duas denominações, decidi, juntamente com outros bons conhecedores dos naturais da África tropical, servir-me do termo "Twides". Em resumo, este conceito genérico abrange todas as divisões daquela enorme massa de primeiros habitantes da selva que em seus caracteres somáticos e suas peculiaridades culturais se afastam nítida e consideravelmente dos negros¹⁰.

Diferenças regionais nos traços somáticos dessa massa extraordinariamente populosa de pequenos homens da floresta tropical me induziram a distinguir as seguintes três divisões:

1. os Twides orientais, na bacia do Rio Ituri: os Bambuti;
2. os Twides meridionais, no território dos grandes lagos: especialmente os Twa em Ruanda e Urundi, além de pequenos grupos na vizinhança;
3. os Twides ocidentais, na parte oeste da selva tropical, começando mais ou menos no meridiano de Stanleyville: sobretudo os Binga, Gnielli, Txwa, Bongo, Akoa e numerosas tribos menores.

Todos esses grupos estão isentos de mestiçagem. Ninguém nega haver casos esporádicos de cruzamento com negros, ora mais, ora menos frequentes, segundo a região. Mas a grande massa é constituída de genuínos Twides, de origem biogenética independente, perfeitamente distintos dos negros, que entraram na área em época posterior.

A descrição sumária apresentada neste artigo refere-se principalmente aos Twides orientais, grupo em que uns tantos caracteres peculiares se manifestam de forma sobremodo acentuada. Antes de mais nada, é surpreendente a estatura física muito baixa, cuja média, segundo as mensurações por mim realizadas, importa em 1449,5 mm nos homens e em 1382,1 mm nas mulheres. A mulher mais baixa por mim encontrada era mãe de dois filhos e media apenas 1200 mm de altura. Sobre a base desses números, confirmados, aliás, por alguns outros pesquisadores (Czekanowski, Schebesta), pode-se indicar esses Twides orientais como a raça de estatura absoluta mais baixa de toda a humanidade, quer pré-histórica, quer atual. Inconfundíveis são as proporções esqueléticas, ou seja, a relação entre a estatura total e o comprimento do tronco retangular, de um lado, e, do outro, entre essas duas medidas e o comprimento dos membros superiores e inferiores, respectivamente. Em suma: uma cabeça demasiado volumosa assenta sobre o corpo baixo; comparados com o tronco, os braços aparecem muito longos e as pernas muito curtas. O índice cefálico dos homens é 76,47, o das mulheres 76,30, aproximando-se, pois, ambos os sexos do limite inferior da mesocefalia.

Alguns traços da face constituem caracteres exclusivos no mais rigoroso sentido da palavra. A testa, alta e larga, é sempre vertical; na maioria dos adultos, toda a parte central chega a salientar-se em forma de convexidade harmônica. Os lineamentos do rosto predominantes correspondem ao redondo-ovalado, notando-se, porém, ao lado desta, todas as formas de transição para o círculo e para a elipse. O segmento superior da face é alto, intercalando-se entre ele e o inferior, igualmente longo, um segmento médio extraordinariamente reduzido. Os globos oculares salientam-se bastante das órbitas, de onde a impressão de olhos muito grandes, inquietos e hirtos. A iris tem cor castanho-escura bem uniforme. O nariz chama a atenção pela forma e pelo tamanho: sempre curto, baixo e extraordinariamente largo; a secção óssea, muito rasa, e a parte cartilaginosa, muito espessa e larga. Há pessoas em que a distância entre

os alares excede de poucos milímetros o comprimento da boca: é este um traço inexistente em qualquer outra raça humana. Não menos raro do que o nariz em forma de botão (*Knopfnase*) é o tipo que se caracteriza pela forma de funil. O lábio superior tegumentar, além de alto, salienta-se convexo. A mucosa labial, sempre entre delgada e média, apresenta coloração rosa viva. É exatamente pelos caracteres mencionados em último lugar que os nossos pigmeus se distinguem perfeitamente dos negros. Mas também a pilosidade abundante, que lhes reveste o corpo todo, e, finalmente, a cor da pele, entre amarelo-clara e pardo-amarelada, entram na categoria dos traços diferenciais. Ainda outras peculiaridades somáticas poderiam ser mencionadas no mesmo sentido, como, por exemplo, a fórmula dos grupos sangüíneos e os tipos de linhas papilares. Tudo isso, em conjunto, caracteriza os Twides orientais como raça distinta¹¹.

Em essência, os Twides ocidentais e, mais ainda, os meridionais ostentam o mesmo tipo racial¹². Como vimos, os Twides da região oeste da grande selva tropical são de constituição um pouco mais robusta, em média alguns milímetros mais baixos e de pele sempre mais escura do que os Twides orientais. Por conseguinte, assenta-lhes, a uns e outros, a qualificação de variante local.

A totalidade dos três grandes grupos de Twides é absolutamente normal, quer do ponto de vista físico, quer do psíquico. De outra forma não teria sido possível a esses silvícolas sobreviverem vitoriosos em tão hostil ambiente geográfico. O seu tipo físico se adapta magnificamente às condições particulares da selva em que vivem, resultado, provavelmente, de seleção natural sobremodo rigorosa. No quadro variado das raças humanas o grupo dos Twides ocupa um lugar especial; em todo caso, falta-lhe qualquer liame biogenético estreito com outros grupos, de pigmeus e pigmóides da África e da Ásia. E possui somente uns poucos caracteres em comum com a massa polimorfa dos negros genuínos. Não há, por isso, motivo algum para caracterizá-los como "négrilles", ou "negrilhos", denominação esta que, por ser fonte de equívocos, deveria finalmente ser eliminada. Todavia, em atenção aos poucos caracteres que possuem em comum, reunio todos os Twides e a grande massa dos negros genuínos no ramo racial afro-négrida.

4. Características culturais dos Twides

O *habitat* inconfudível dos Twides não lhes permite outra forma econômica senão a chamada economia extratora da coleta e da caça primitivas. Vivem em estreita dependência da natureza e, não produzindo coisa alguma, recebem apenas o que esta lhes oferece espontaneamente. E como a selva contém apenas escassos alimentos utilizáveis, os seus habitantes não sabem o que é fartura; várias vezes, no decorrer do ano, passam fome por período mais ou menos prolongado. Segundo uso antiquíssimo, todos os trabalhos se repartem pelos dois sexos, no interior do grupo fami-

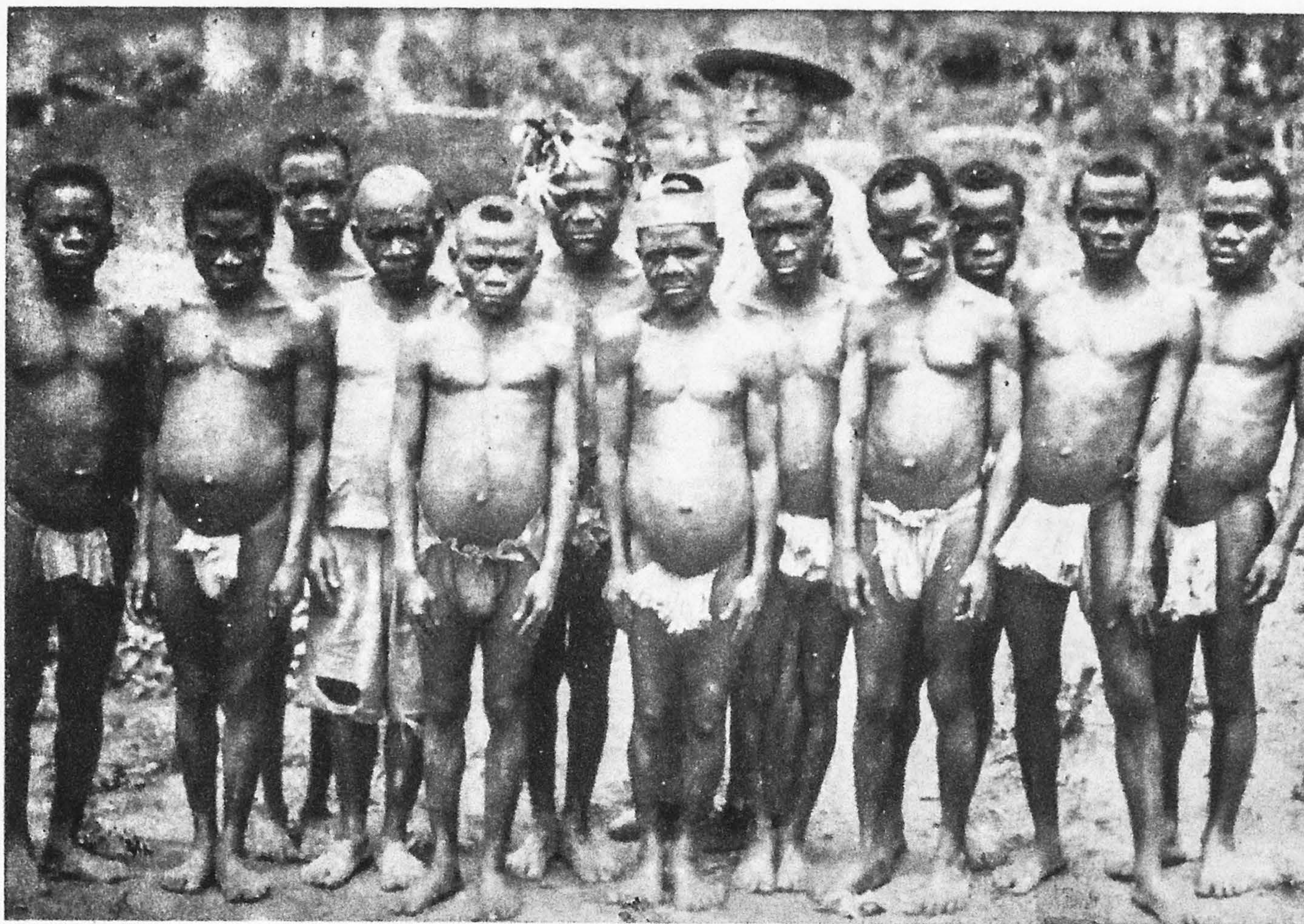


Fig. 1 — O autor com um grupo de homens pigmeus

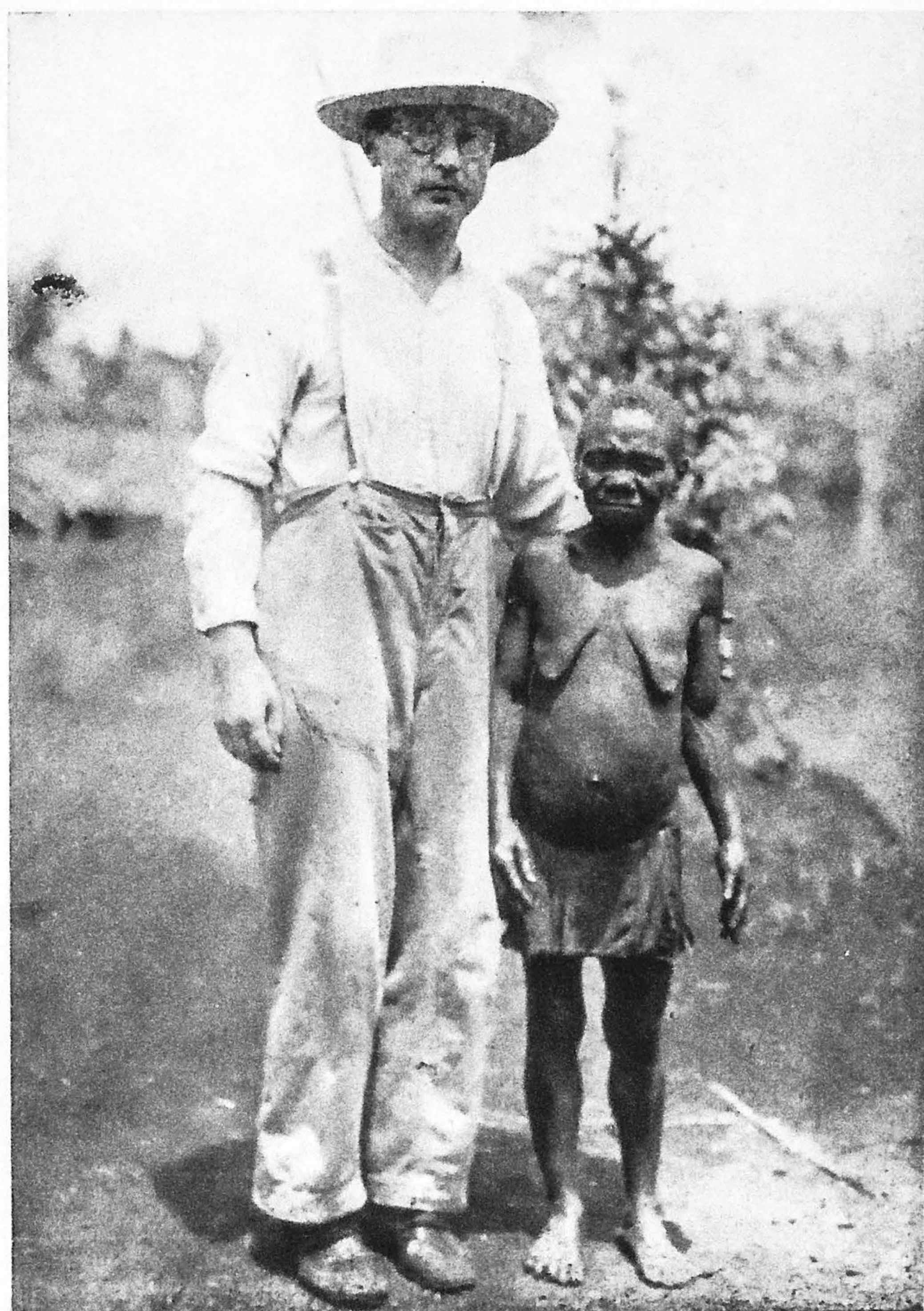


Fig. 2 — O autor com mulher pigméia

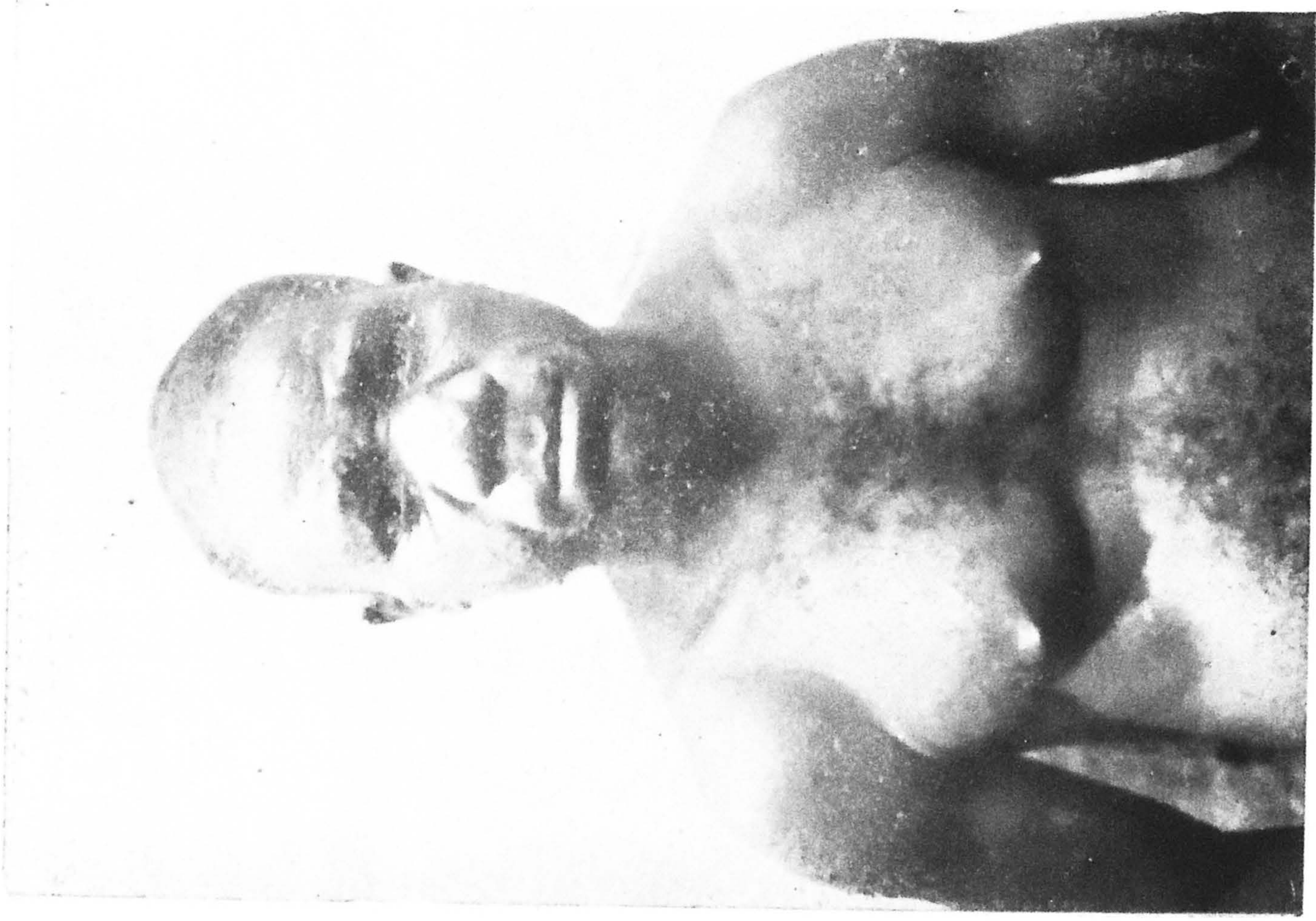


Fig. 3 — Homem de 40 anos de idade

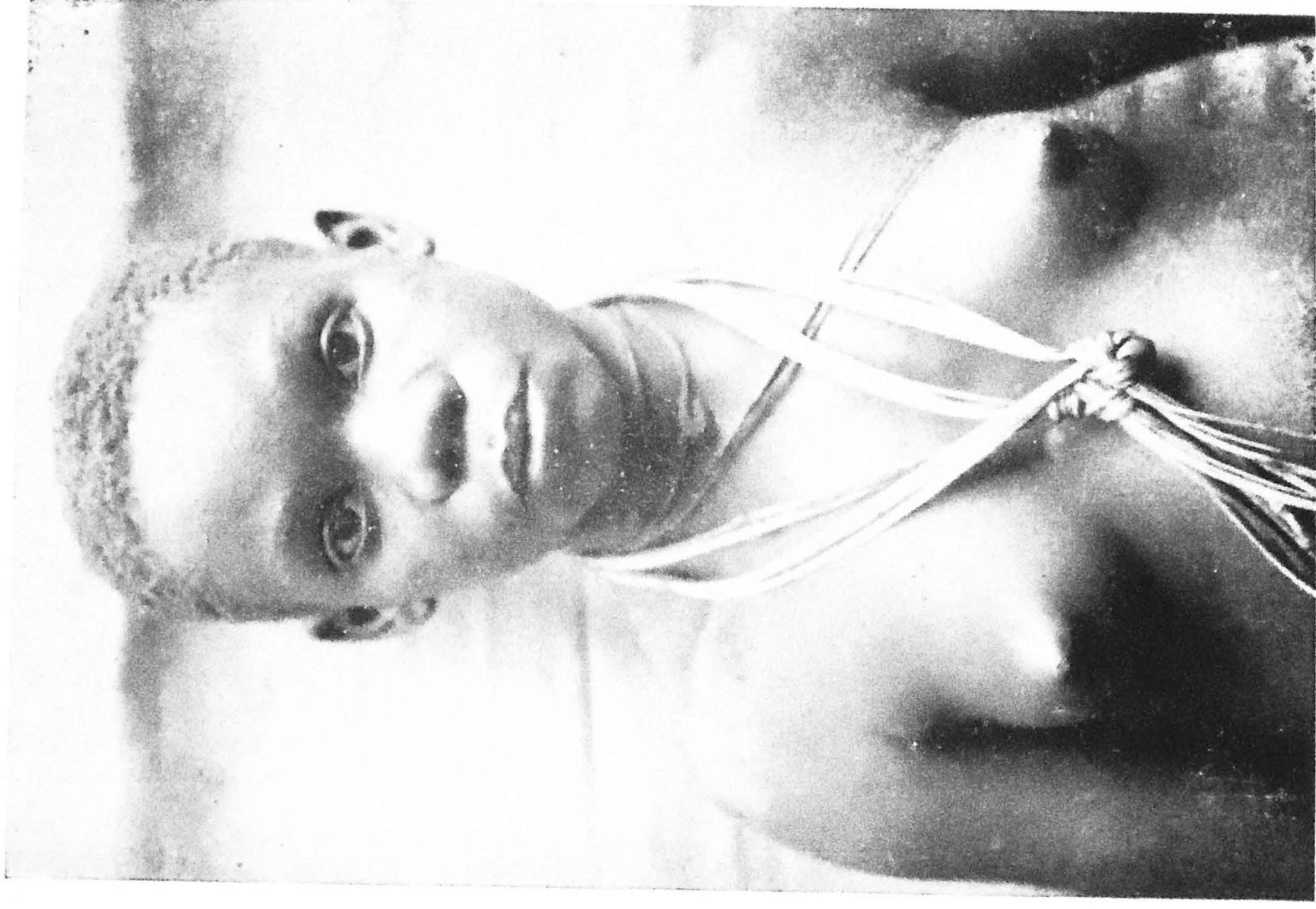
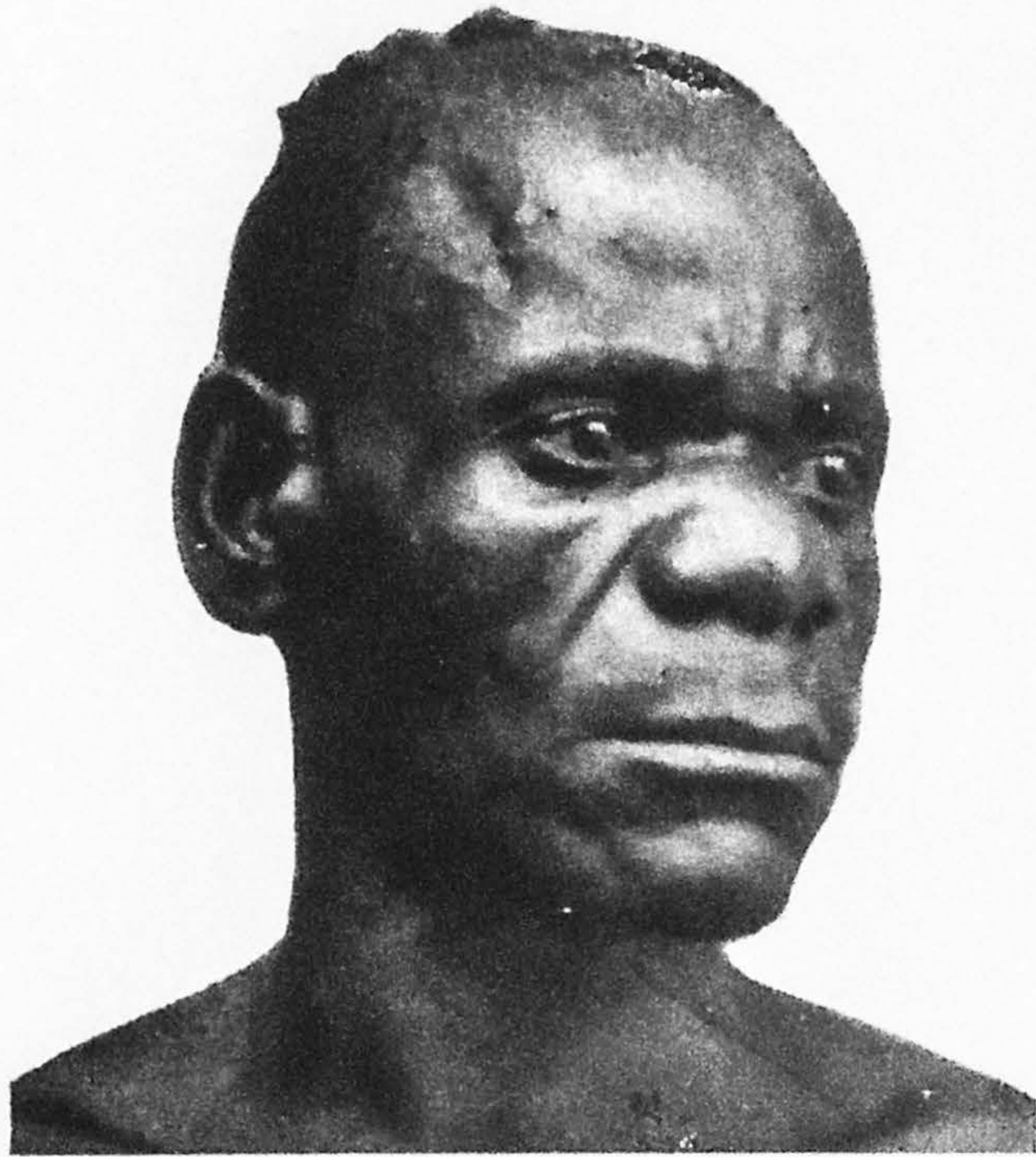


Fig.4 — Jovem de 15 anos de idade



Figs. 5-7
Homens pigmeus





Figs. 8-9
Jovens pigméias



Fig. 10
Cabanas à beira da selva

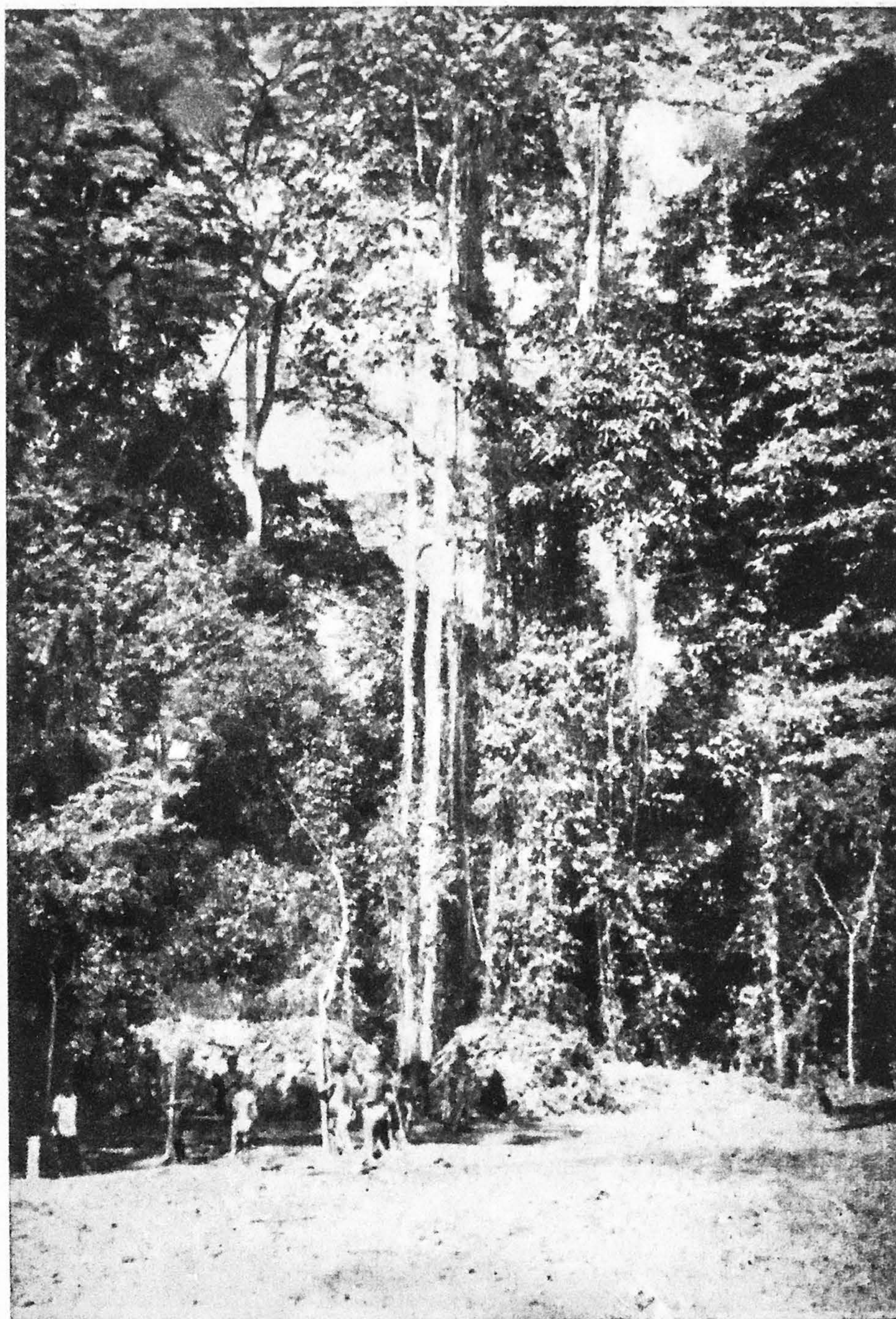


Fig. 11
Forma da cabana



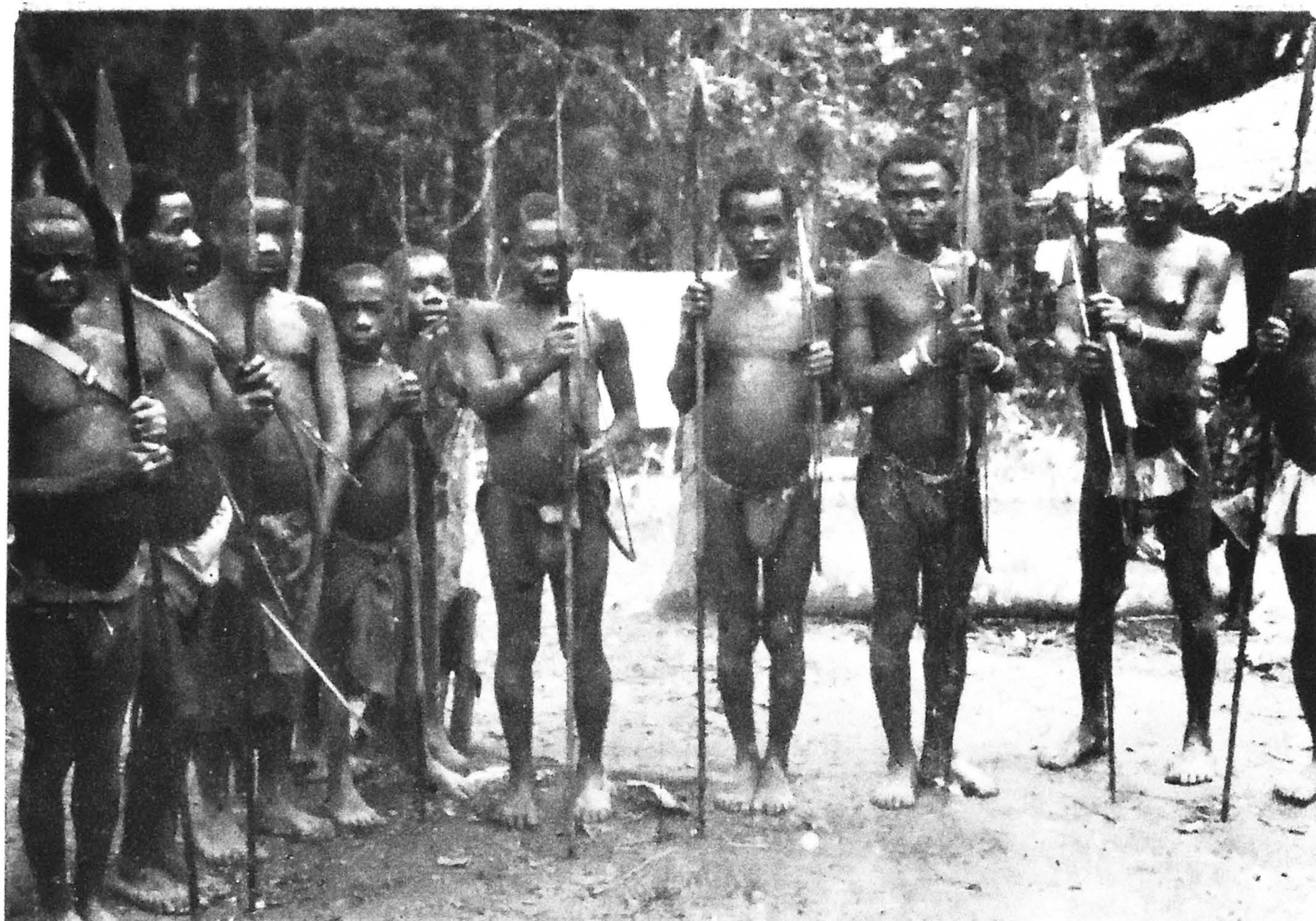


Fig. 12 — Homens com armas de caça



Fig. 13 — Mulher carregando lenha



Fig. 14 — Batendo a entrecasca para confecção de tangas.



Fig. 15 -
Todos os adultos
usam tanga.



Fig. 16 — Dança recreativa, realizada tôdas as noites



Fig. 17 — Sacrifício em homenagem à divindade. Mata-se uma ave cujo sangue goteja sôbre as armas colocadas no chão.

lial, de modo a não haver sobrecarga para um ou outro. O homem se dedica à caça, saindo diàriamente à perseguição das pequenas antílopes. Um ou outro caçador, mais ousado, persegue até o gigante da floresta, o elefante, conseguindo afinal matá-lo após grandes esforços. Não raro, todos os homens do clã partem para uma caçada coletiva, que sempre dá bom resultado. Por seu turno, as mulheres cuidam da coleta de alimentos vegetais e da captura de animais de pequeno porte, recolhendo tudo o que de alguma forma se possa comer. Como êsses habitantes da floresta não fabricam vasos de cerâmica, os alimentos se assam sôbre a brasa e no borralho. Não conhecem estimulantes, nem bebidas alcoólicas. A fogueira da choça lhes garante a indispensável proteção nas noites úmidas e frias. E é surpreendente o fato de não produzirem o fogo; tôda vez que se muda o acampamento, pelo menos uma das pessoas leva uma acha acesa em uma das extremidades, a fim de se poder acender outra fogueira no acampamento seguinte.

Êsses aborígenes irrequietos não podem estabelecer-se em aldeamentos fixos. Como habitação basta-lhes, por isso, uma choça, em forma de cúpula, feita de algumas varas, cobertas de poucas folhas grossas e duras. Tal cabana os abriga pelo espaço de uma ou, no máximo, três noites, que maior não é o período que os prende a um lugar determinado. Qualquer forma de indumentária lhes seria prejudicial e muito incômoda. Não obstante, tôda pessoa adulta, bem como as crianças bastante crescidas, usam uma tanga simples; tal o exige o pudor, que se lhes impõe como sentimento bem manifesto. Mulheres e moças contentam-se com poucos adornos, bem simples. E quanto a mutilações do corpo, cicatrizes ornamentais ou coisa parecida, não as conhecem êsses modestos silvícolas. As suas armas se reduzem, em geral, ao arco e às flechas de ponta ervada, numa aljava de couro. Alguns homens possuem também um dardo de madeira dura, isto é, uma simples vara apontada em uma das extremidades. Compreende-se que os objetos da cultura material dêsses primitivos nômades sejam pouquíssimos; do contrário, dificultariam as caminhadas diárias. Na confecção dos diferentes utensílios se empregam apenas madeira e osso, couro e chifre, fibras animais e vegetais, dentes de animais e sementes duras, nunca, porém, pedra.

A estrutura social dos Twides corresponde à simplicidade da vida econômica. O fundamento é o grupo familiar, a que talvez se deva chamar de clã, e que se constitui da frouxa associação de 5 a 12 famílias elementares. O clã é uma unidade econômica, que tem o fim de garantir o auxílio mútuo e de reforçar a segurança individual de cada pessoa. Não se subordina a chefe algum, nem à autoridade de um sacerdote ou mago. Todo o clã possui um distrito bem delimitado, no qual sômente os seus membros têm o direito de caça e coleta. Distinções de classe e outras quaisquer formas de estratificação social são inteiramente desconhecidas. Tampouco existem diferenciações sôbre a base de habili-

dades manuais; todo adulto tem de confeccionar, êle próprio, os utensílios de que necessite.

A família natural, composta de marido, mulher e filhos, constitui a única organização estável, mantida pela vida tôda. A monogamia é a regra geral; só por motivo especialíssimo se permite poligamia, excepcionalmente. Na juventude, homem e mulher se casam sôbre a base de livre escolha. O casal reconhece como objetivo principal de sua união a geração de numerosa prole e os cuidados educacionais dispensados a cada filho, a fim de torná-lo membro útil do clã. Cada família tem sua independência econômica, o que já se manifesta exteriormente no fato de construir a sua cabana própria e de habitá-la sòzinha. O casal precisa reunir tudo o que necessite para si e para os filhos. Em consequência da divisão tradicional de todos os trabalhos realizados em benefício da comunidade familiar, o homem depende sempre da mulher e vice-versa. De vez que a mulher contribui de modo notável para o bem-estar da família, goza de consideração, usufruindo direitos quase iguais aos do marido. O amor sincero que leva à união dos cônjuges, continua fundamentando também a sua harmoniosa colaboração pela vida afora.

No espírito dêsses silvícolas está profundamente arraigado o desejo de ter filhos, aos quais cada adulto dedica imenso carinho. Em virtude das difíceis condições de existência, é infelizmente elevada a mortalidade infantil. A grande fertilidade das mulheres pigméias compensa, entretanto, as enormes perdas. Numa idade que varia entre os 14 e 18 anos, os jovens de um e outro sexo, atingida a maturidade psíquica, são obrigados a passar pelos ritos de iniciação pubertária, durante os quais são instruídos principalmente nos trabalhos e em tôdas as obrigações da vida adulta. As crianças pigméias são sempre alegres, satisfeitas e dispostas a brincar.

Na mentalidade dêsses aborígenes tem lugar de relêvo o conceito da propriedade privada e da propriedade grupal. Tudo o que alguém encontre ou produza, que obtenha através de caça ou coleta, pertence-lhe com exclusivo direito de usufruto. A distribuição da caça após as caçadas coletivas é feita segundo regras determinadas. Constitui lesão grave do direito de propriedade penetrar em distrito vizinho com o objetivo de aí procurar alimentos. Os Twides remontam a sua Divindade Suprema as leis e regras aceitas para vida comunitária e particular. Compreende-se que a existência transcorra em geral sem graves transtornos, embora não haja pessoa alguma investida de autoridade reguladora.

Poder-se-ia apresentar um quadro bem rico da vida espiritual dos Twides, extraordinariamente desenvolvida, em contraste com a ordem econômica e social muito simples. É que a posse de bens materiais não é, de forma alguma, padrão adequado para a avaliação das energias psíquicas e o conteúdo da vida espiritual. Os Twides possuem considerável cópia de representações religiosas e míticas, de normas de vida e regras morais, experiências pessoais e tradicionais, diversões e prazeres estéticos. É evidente, por outro lado, que em muitos aspectos essa riqueza

espiritual se distingue consideravelmente das manifestações correspondentes da cultura dos povos civilizados, por ser muito mais simples e, por certo, também mais natural.

Em um ou outro grupo a representação, originariamente nítida, de um Ser Supremo como divindade criadora se obscureceu um pouco; não obstante, continua ativa. Essa divindade é uma personalidade autônoma, independente, portadora de nome próprio e de atributos divinos, como o sejam: a existência permanente, a onipresença, o direito de posse originário e exclusivo sobre todos os animais da selva, bem como o poder ilimitado, em face do qual é impotente a totalidade dos homens. A esse Ser Supremo cada pigmeu rende submisso o tributo de respeitosa homenagem, pela observância da lei moral que, emanando d'ele próprio, está sob sua guarda. Por meio de orações e de verdadeiros sacrifícios pede-se-lhe proteção e auxílio. Nas regiões, porém, — especialmente em muitos distritos dos Twides ocidentais — em que sob a influência dos negros a noção clara do Ser Supremo se obliterou em maior ou menor grau, o primeiro plano do mundo das representações cabe a genuínas personificações das forças da natureza, como também a personagens ancestrais e ao herói civilizador. Os Twides têm a convicção de que a existência da alma humana se prolonga além-túmulo, se bem que não tenham idéia das condições dessa sobrevivência¹³.

A sua tradição mítica explica principalmente a origem deste mundo e as características externas dos animais da floresta¹⁴. Divertem-se quase todas as noites com danças coletivas e jogos mímicos, em que revelam admirável capacidade de imitação. Profundos conhecedores da mata virgem, do mundo vegetal e animal ambiente, não lhes escapa à atenção sempre desperta nenhum pormenor, por insignificante que seja. As suas habilidades técnicas, muito limitadas, mas bem desenvolvidas, auxiliam-nos na luta vitoriosa contra as difíceis condições de existência.

Por fim cumpre mencionar o fato curioso de não ter sido possível, em nenhum dos muitos grupos de Twides, bastante populosos, determinar com segurança a existência de um idioma próprio. Na atualidade todos eles empregam a língua das tribos negras vizinhas, que em época remota penetraram na selva, onde conseguiram impor uma tutela mais ou menos rigorosa àqueles primitivos habitantes. Tal circunstância entretanto não pode servir de argumento a favor da idéia de que originariamente os Twides não tenham tido idioma próprio.

5. O futuro dos Twides

É incalculável o número de milênios decorridos desde que a singular população dos Twides ocupou a floresta tropical. O certo é que em época recente se demonstrou não somente o fato de se tratar de homens extraordinariamente bem adaptados a seu estranho ambiente, como também o de terem criado uma forma cultural de tal modo adequada.

à vida nessas condições naturais que deliberei caracterizá-la como “optimum adaptationis”. Quanto à questão de se saber quando e sob o influxo de que fatores externos vieram a constituir o tipo racial que apresentam hoje em dia e que já apresentavam na época em que os conheceram os antigos egípcios, não o conseguem explicar, por enquanto, a biologia racial e a genética¹⁶. Como quer que seja, não há dúvida de que a selva tropical quente e úmida constitui o seu *habitat* natural; a tal ponto que chego a afirmar: “Sem floresta tropical não haveria pigmeus”.

O seu número atual pode ser determinado apenas aproximadamente. Avalio em uns 32 a 35 mil os Twides orientais, de há muito conhecidos como “os Bambuti”, em 9 mil os meridionais; para os Twides ocidentais, em parte ainda não estudados, as estimativas variam entre 60 e 90 mil. Todos eles se caracterizam por uma resistência física satisfatória às inóspitas condições externas do ambiente em que vivem. Pessoas com enfermidades venéreas ou tuberculosas não as encontrei entre os Twides orientais, nem entre os meridionais. Desde o fim da última guerra mundial a técnica moderna e os interesses europeus avançam selva a dentro com extraordinário poder transformador, pondo em perigo a milenar forma de existência de seus primitivos habitantes. Para as autoridades coloniais desses territórios resulta daí a importante tarefa de manterem afastados dos Twides tôdas e quaisquer influências nefastas, salvaguardando para o futuro o alto valor biológico de que são portadores êsses homens tão vantajosamente adaptados ao clima quente e úmido da floresta virgem.

NOTAS

1) M. Gusinde und F. Lauscher: Meteorologische Beobachtungen im Kongo-Urwald. Sitzgsber.d.Akademie der Wissenschaften in Wien; Bd. 150, pp. 271-347. Wien 1941.

2) Wilhelm Schmidt: Die Urkulturen: “Ältere Jagd- und Sammelstufe. In: Fritz Kern: Historia Mundi. Bd. I, pp. 375-501. Bern 1952.

3) Wilhelm Schmidt: Die Stellung der Pygmäenvölker in der Geschichte der Menschheitsentwicklung. Stuttgart 1910.

4) A longa história do estudo de todos os pigmeus africanos vem minuciosamente exposta em M. Gusinde: Die Kongopygmäen in Geschichte und Gegenwart. Nova Acta Leopoldina, Nr 76, Bd. 11. Halle (Saale) 1942.

5) M. Gusinde: Pygmäen und Waldneger im tropischen Afrika. Archiv für Völkerkunde. Bd. IV, pp. 1-23. Wien 1949.

6) Emil Schmidt: Die Grösse der Zwerge und der sog. Zwergvölker. Globus Bd. 87, pp. 121-125. Braunschweig 1905.

7) Os antropólogos de formação profissional adotam esta classificação. Desejo apenas mencionar a opinião inteiramente isolada do explorador Dr. P. Schebesta, autor, aliás, de trabalhos de valor. Considera o grupo oriental dos pequenos habitantes do Congo Belga, isto é, os pigmeus da região do Rio Ituri, como os “pigmeus standard” — conceito inteiramente desconhecido e imprestável na biologia e na antropologia. Para o mesmo autor, além disso, êsses primitivos constituiriam o único grupo racial a que conviria a denominação de “pigmeus”. Por fim, é inteiramente isolada a sua interpretação da forma racial dos Twides ocidentais; não vale a pena

discutir aqui o assunto. Veja-se a sua obra mais recente: *Les Pygmées du Congo Belge* (Bruxelas, 1952), onde vêm enumeradas tôdas as publicações anteriores.

8) M. Gusinde: *Pygmäen-Neger-Bastarde im östlichen Kongo-Gebiet*. Zs. f. Morphologie und Anthropologie. Bd. 40, pp. 92-148. Stuttgart 1942.

9) H. V. Vallois: *New Research on the Western Negrilles*. *Americ. Journal of Phys. Anthropology*. Vol. 20, pp. 449-471. Philadelphia. 1940.

10) M. Gusinde: *Benennung der afrikanischen Pygmäengruppen*. Mitt. d. Geographischen Gesellschaft in Wien. Bd. 88, pp. 47-53. Wien 1945.
P. Schumacher: *Encore les Twides*. *Zaire*, vol. 3, pp. 1023-26. Bruxelles 1949.

11) M. Gusinde: *Urwaldmenschen am Ituri*. *Anthropo-biologische Forschungsergebnisse bei Pygmäen und Negeren im östlichen Belgisch-Kongo aus den Jahren 1934/35*. Wien 1948.

12) P. Schumacher: *Die Kivu-Pygmäen (Twiden)*. 2 Bde. Bruxelles 1949. M. Gusinde: *Die Twa-Pygmäen in Ruanda*. Wien-Mödling 1949.

13) Exposição minuciosa da cultura espiritual de todos os Twides é dada pelo P. Wilhelm Schmidt: *Ursprung der Gottesidee*, vol. IV. Münster i. W., 1953.

14) Cf. P. H. Trilles: *Les Pygmées de la grande Sylve Ouest-Equatoriale*. Paris-Münster 1952.

15) D. Westermann: *Die Sprache der Pygmäen*. Zs. f. Phonetik und allgemeine Sprachwissenschaft. Berlin 1951.

16) Eugen Fischer: *Über die Entstehung der Pygmäen*. Zs. f. Morphologie und Anthropologie. Bd. 42, pp. 149-167. Stuttgart 1950.

Die genetische Seite des Pygmäenproblems. Mitt. d. Anthropolog. Gesellschaft in Wien. Bd. 83, pp. 107-114. Wien 1954.

(Tradução de Egon Schaden)